

“... **Acredito que o nosso desenvolvimento interior só é saudável se tem o propósito de servir e contribuir com o mundo. O caminho do desenvolvimento precisa de um propósito para servir. Logo o desenvolvimento de uma organização requer o compromisso com o desenvolvimento interior das pessoas e estes são os dois pilares do desenvolvimento social. O desenvolvimento interior torna possível o desenvolvimento da organização e esta por sua vez torna possível o desenvolvimento interior. De outra forma, o desenvolvimento interior seria vítima do egoísmo e o desenvolvimento social e organizacional poderia ter um aspecto fanático. Ou seja, precisamos enfrentar a luta na nossa alma para desenvolver a tolerância com o mundo exterior...**”

Chris Schaefer

## ACONTECERÁ

1.º a 9 de Julho:  
**Seminário de Pedagogia Social -  
Introdução/1999**

Local: Centro Paulus  
Infs.: (011) 531 0125 (Regina)  
e (031) 487 1663 (Berenice)

20 a 22 de Agosto:  
**Encontro de Jovens para  
uma Nova Consciência Social**  
Infs.: (011) 5183 8869 (Jos)

1.º de Outubro:  
**Encontro de Trocas  
da Associação**  
Infs.: (011) 531 0125 (Regina)

2 de Outubro:  
**Assembléia Anual  
da Associação**  
Infs.: (011) 531 0125 (Regina)

\*

Leia neste Boletim:

Editorial, 2

Texto conceitual: *Elementos Sociais para  
o conhecimento do ser humano*, 3

Exercício com a pintura da capa, 5

Iniciativa inspirada pela pedagogia  
social: *Fermento e Sal*, 6

Comix, 8

Prática de pedagogia social: *Estruturação  
social de uma escola Waldorf*, 9

*Rede Semeadores do Novo Social*, 11

Aconteceu, 12

Pesquisa, 12

*Pedagogia Social para quê?*, 12



**EDITORIAL**

Em agosto do ano passado lançamos, com o número experimental do Boletim 10.0, uma semente para a renovação da iniciativa do Boletim, voltada para a difusão do impulso da Pedagogia Social: para informar a respeito do que se passa em seu âmbito e contribuir para o desenvolvimento daqueles que com ela trabalham.

Buscamos traçar uma linha editorial mais orientada para as expectativas e necessidades manifestadas pelos leitores e deixamos claro que se não pudéssemos contar com um círculo maior de co-portadores desta iniciativa, que se dispusessem a contribuir regularmente para as edições, não seria viável assegurar a continuidade deste Boletim na qualidade desejada.

Ilustramos aquele Boletim com a imagem do Semeador, de Van Gogh, lançando as sementes no campo. E, pelo que parece, a semente foi lançada em terra fértil, pois eis aqui o Boletim número 11.

A partir da *Assembléia Anual da Associação de Pedagogia Social*, em setembro do ano passado,

diversas novas pessoas passaram a integrar o *Círculo de Divulgação*, dispendo-se a contribuir para a continuidade do Boletim e para a realização de novas iniciativas, como o lançamento dos *Cadernos de Pedagogia Social*. Com a publicação desses cadernos pretendemos ampliar o acesso de pessoas interessadas em textos básicos relacionados com a Pedagogia Social - palestras, traduções, etc. Aguardem!

Novas idéias associadas à disposição de assumir tarefas práticas para sua realização estão trazendo sangue novo e vida nova para o *Círculo de Divulgação* e para este Boletim.

Mas sabemos que toda vida nova, ao mesmo tempo que traz muitas novas perspectivas é também ainda muito frágil - precisa de cuidado, carinho, precisa ser nutrida.

E nisso dependemos em muito de vocês, leitores, dando-nos retorno, "feedback": alimentando-nos de volta com seus comentários, perguntas, sugestões. É isso que vai nos trazer estímulo e alento para levar adiante esta iniciativa.

*Jos Schoenmaker*

**FORJANDO A ARMADURA**

Rudolf Steiner

Nego-me a submeter-me ao medo  
que me tira minha alegria de minha liberdade,  
que não me deixa arriscar nada,  
que me torna pequeno e mesquinho,  
que me amarra,  
que não me deixa ser direto e franco,  
que me persegue,  
que ocupa negativamente a minha imaginação,  
que sempre pinta visões sombrias.  
No entanto, não quero levantar barricadas por  
medo do medo.  
Eu quero viver, não quero encerrar-me.  
Não quero ser amigável por medo de ser sincero.  
Quero pisar firme porque estou seguro  
E não porque encobri meu medo.  
E quando me calo, quero fazê-lo por amor  
E não por temer as conseqüências de minhas  
palavras.

Não quero acreditar em algo só pelo medo de  
acreditar.  
Não quero filosofar por medo de que algo possa  
atingir-me de perto.  
Não quero dobrar-me só porque tenho medo de  
não ser amável. Não quero impor algo aos outros  
pelo medo de que possam impor algo a mim. Por  
medo de errar não quero tornar-me inativo.  
Não quero fugir de volta para o velho, o inaceitável,  
por medo de não me sentir seguro no novo. Não  
quero fazer-me de importante porque tenho medo  
de que senão poderia ser ignorado. Por convicção  
e amor quero fazer o que faço e deixar de fazer o  
que deixo de fazer.  
Do medo quero arrancar o domínio e dá-lo ao  
amor.  
E quero crer no reino que existe em mim.

*tradução: Ute Craemer*

Boletim de Pedagogia Social da Associação de Pedagogia Social de Base Antroposófica no Brasil  
Número 11, Maio 1999. Endereço para correspondência: R. Caneiro de Évora 125, 04708-110 São Paulo/SP.

Ilustração: Beppe Assenza

Responsáveis pela redação: Christian Folz fone/fax: 016 271 0047, e-mail: folz@linkway.com. br.Jos Schoenmaker: fone/fax: 011 5183 8869, e-mail: maturi@originet.com.br Valter Gobbo: fone/fax 011 246 6095, e-mail: valterev@greco.com.br Vital Pasquarelli Junior: e-mail: vitajun@mailcity.com



**TEXTO CONCEITUAL**

## ELEMENTOS SOCIAIS PARA O CONHECIMENTO DO SER HUMANO (1) (2)

Christof Lindenau

### Sociabilidade e anti-sociabilidade

Nós vivemos num tempo no qual uma geração inteira – ou pelo menos boa parte das pessoas pertencentes a ela – se recusa a conformar-se à sociedade existente. É justamente quando analisamos seriamente este quadro coloca-se perante nós a pergunta, relevante para o futuro, sobre a existência de outros caminhos de convivência social que não os da conformação. Achar esse caminho e trilhá-lo passou a ser tarefa do impulso social de origem antroposófica. Uma compreensão mais profunda desse caminho, no entanto, precisa considerar mais um aspecto além da relação corpo-alma-espírito (vide texto "Corpo, alma e espírito – observados sob três dinâmicas diferentes" na página 3 do último Boletim). O Homem precisa ser visto como um ser com interesses.

Com isso duas coisas devem ser consideradas: o ser humano pode se interessar por si próprio e pelos seus próprios assuntos (seu próprio bem estar, sua própria educação, sua própria carreira profissional, sua própria posição social, etc). Mas ele também pode se interessar por outras pessoas e os assuntos dessas pessoas – em prol do assunto do outro em si. A última forma, como é fácil de perceber, fortalece a relação entre as pessoas. Ela se mostra continuamente como uma fonte de processos que constroem e mantêm a sociedade coesa. Voltaremos a isto mais adiante. Mas também o interesse em si próprio se bem observado, é de natureza construtiva. Aquele que, por exemplo, durante todo um dia de seu trabalho profissional se interessou pelos outros e pelo bem estar dos outros, e após o final de expediente se interessa por si e pelo seu próprio bem estar - se descansa e assim por diante - este cuida da regeneração e reconstrução das próprias forças sem as quais ele não poderia realizar o trabalho para os outros no dia seguinte. Como um pêndulo, que balança entre dois extremos, alternam-se os dois interesses, uma vez agindo sobre a construção das relações sociais e outra vez agindo sobre a própria personalidade.

Somente quando o interesse em si próprio é levado para **dentro** do contexto social, o que hoje ocorre largamente, começam a agir não somente forças construtivas mas também destrutivas: isso introduz processos destruidores na sociedade. O interesse pelo nosso próprio bem estar nos impede, então, de cuidar realmente do bem estar dos outros. Na visão das consequências sociais, Rudolf Steiner chama de força "social" o interesse no próximo em prol do outro em si, e força "anti-social" quando o imediatismo do interesse próprio é introduzido conjuntamente na sociedade. Sinteticamente o introduzir consiste em trabalhar na construção da própria personalidade e estimular o comportamento de outras pessoas de maneira que estas se **adaptem** e participem ativamente na formação dessa minha personalidade.

Por exemplo uma conformação desse tipo é provocada quando se estimula, através de propaganda e comerciais, o consumo de outras pessoas de maneira a provocar um aumento no faturamento do meu próprio produto. Ou com propaganda partidária influir de tal forma no comportamento dos eleitores que a quantidade de votos para meu próprio partido cresça. Ou o condicionamento de trabalho de outros colaboradores de tal forma a servir ao desenvolvimento da própria carreira. Nestes casos se trata sempre, portanto, de determinar e manipular externamente as ações de outras pessoas ou grupos de pessoas. Além da manipulação externa a adaptação de outras pessoas pode acontecer com o uso da força: com ameaças, sanções, extorsões, ações punitivas e assim por diante. Ou ela pode

acontecer pela concentração de recursos excedentes nas mãos de indivíduos ou pequenos grupos de tal forma que, por exemplo, faltem esses recursos para outras pessoas provocando carências nos meios produtivos, gargalos no abastecimento, falta de material. O exercício do poder e o lucro devem igualmente ser reconhecidos como elementos através dos quais agimos sobre outras pessoas ou grupos de pessoas, de maneira a provocar o nosso próprio desenvolvimento ou o desenvolvimento do nosso grupo.

O que ocorre nesse caminho no outro ser humano é uma forma de sociabilidade cujo interesse pelo outro não é espontâneo mas exigida dele pelas circunstâncias externas: justamente aquelas que o obrigam a se adaptar. E sem dúvida essa é a sociabilidade ambicionada por quase todas as formas de sociedade. Se agora um número cada vez maior de pessoas não quiserem ir pelo caminho do adaptar-se, então vem a pergunta de como isso deve continuar. Será que relações estruturadas não serão a partir de agora mais possíveis? Ou existe outro caminho para a formação de uma sociedade humana além daquele que objetiva a adaptação?

É neste momento que a ciência espiritual de orientação antroposófica, caso ela não queira faltar com suas obrigações com o ser humano, precisa advertir, como indicado acima, para a forma de sociabilidade que decorre a partir do momento no qual o interesse da pessoa ou grupo de pessoas está voltado para o próprio indivíduo em si. Certamente que, para a maioria de nossos contemporâneos, imaginar uma forma de sociabilidade voluntária em condições de resolver a quantidade enorme de dificuldades de nossa sociedade atual, será de uma dificuldade simplesmente intransponível. Contudo não há outro caminho que não o de lutar primeiramente pelo como no campo dos pensamentos, mas depois pelo que no campo do querer – por exemplo no desenvolvimento de estruturas que atuem terapeuticamente.

Em ambos os campos nos vem de encontro um descobrimento que já foi mencionado no folheto sobre higiene social "*Die Keimkräfte der sozialen Dreigliederung und ihre Pflege*" (trad.: As forças germinadoras da trimemoração social e seu cultivo). Trata-se, essencialmente, em descobrir se o interesse no próximo em prol do outro em si – caso desenvolvido na realidade da vida social – não é único como ocorre quando simplesmente pensamos sobre o assunto, mas deve-se verificar se o interesse se articula nas três formas abordadas nos artigos anteriores (vide Boletim 10.0) – habilidade, responsabilidade e necessidade. E é certamente uma prova de que o nosso interesse no próximo em prol do Interesse do outro em si é apenas figurativo, quando em relação ao próximo como um ser com necessidades não há uma busca pela **fraternidade**, quando em relação ao próximo como um ser emancipado não há uma busca pela **igualdade**, e quando em relação ao próximo como um ser com habilidades não há uma busca pela **liberdade** (vide página 2 do último Boletim).

Na verdade existem assim três formas diferentes dessa sociabilidade, na qual cada uma estimula uma forma fundamentalmente diferente de processo social. Assim:

- quanto melhor o desenvolvimento dos processos de cobrir as necessidades, maior será a busca de fraternidade entre os envolvidos;
- quando melhor o cumprimento dos acordos, maior a busca pela igualdade dos envolvidos;



- quanto melhor o processo de trabalho em grupo, maior a busca pela liberdade dos envolvidos.

Com o desenvolvimento das três formas de sociabilidade no indivíduo ele passará a ser uma futura fonte de cultura social. A ciência de orientação antroposófica nos mostra que a habilidade para isto está profundamente enraizada na existência espiritual do ser humano.

#### **As questões sociais e a natureza espiritual do ser humano**

Dar uma forma digna à sociedade humana: é em primeira linha algo a ser criado como **organização social**? Ou a essência está nas **qualidades morais** que devem ser desenvolvidas em nós e nos outros? Quem quiser se colocar à disposição para ajudar uma sociedade neste sentido, mesmo da maneira mais modesta, enfrentará conscientemente mais cedo ou mais tarde estas perguntas. E ao refletir sobre isto verá, num primeiro instante, que há argumentos tanto para a primeira pergunta como para a segunda.

Assim por exemplo o argumento de que com a elevação do nível moral algumas organizações sociais nem seriam mais necessárias; ou talvez são necessárias e o processo de elevação moral ocorre naturalmente; ou que somente pessoas com um certo grau de desenvolvimento moral impulsionassem estas organizações, inclusive a permissão de criá-las seria possível somente através dessas pessoas. Ou o argumento de que organizações sociais legítimas tornam supérfluos desenvolvimentos morais específicos; ou que estes podem tranquilamente ser considerados como algo pessoal de cada indivíduo; ou que só uma organização com um desenvolvimento moral tornaria provável e até possível uma participação maior das pessoas, uma vez que aqueles que estão expostos a luta pela sobrevivência simplesmente "não podem se permitir ser um ser moral".

Uma vez despertados percebemos quantas conversas giram parcial ou totalmente, em círculos, em torno da questão social. Também a conversa sobre a Trimembração defendida por Rudolf Steiner não faz exceção: a questão social da Trimembração é algo já claramente solidificado para as quais as pessoas de hoje apenas não estão maduras? Ou é algo que finalmente deveria ser introduzido, uma vez que se pode contar com o desenvolvimento moral de alguns indivíduos? E quanto mais nos esforcemos para tentar romper com este círculo, tanto mais dolorosa a percepção de sermos prisioneiros da maneira de pensar que nossa civilização atual nos oferece. Como podemos nos libertar dessa prisão?

Somente através da certeza de que nós pensamos nos dois conteúdos acima – o da "qualidade moral" e o da "organização social" – sem considerar um terceiro conteúdo que naturalmente é pré-condição. Este nos deixa entender o ser humano como um ser que percebe o mundo através dos seus sentidos e que através do seu cérebro pensa sobre o percebido, e reage de uma ou outra forma através dos seus sentimentos às percepções e pensamentos, para finalmente se manifestar através de movimentos do seu corpo físico. Uma consciência do mundo assim como uma consciência de si próprio resulta, a partir dessa ação mútua do seu "interior" com o corpo físico, e a partir desse corpo voltará a se manifestar novamente para o exterior. Denominamos essa consciência do mundo exterior e interior de "Eu" do ser humano, podemos a partir dessa idéia dizer que esse "Eu" está certamente embutido na organização interna do corpo, mas assistindo ao mundo "exterior" como que por janelas de uma casa respectivamente como dispositivos mecânicos externos agindo sobre ele.

É tão comum – e não é relevante quais palavras usamos aqui – essa idéia ser considerada um pressuposto, que não percebemos quão

fortemente, e sem nos darmos conta, somos dependentes da formação interna que carregamos conosco sempre que julgamos sobre as relações sociais. Também os dois lados da argumentação esboçada acima estão inconscientemente subordinados a essa formação de sua organização interior do corpo, porém aqueles que tendem a entender a questão social mais como uma questão moral realçam a força transformadora do interior do ser humano frente a percepção corporal do mundo exterior, enquanto aqueles que interpretam a questão social mais como uma questão da formação das organizações sociais são aqueles nos quais às impressões exteriores transmitidas ao corpo falam mais alto que as forças interiores. Somente quando começamos a nos dar conta sobre a nossa maneira de pensar é que nós descobrimos o quanto a nossa "concepção de ser humano" reflete a nossa "concepção de mundo".

Não há outra forma de nos libertar dessa dependência eficazmente que não a de desenvolver uma concepção de ser humano nova e pluralista. Para isto é importante complementar a formação da sua organização interna do corpo do ser humano com uma ciência espiritual que o livre do corpo físico. Pois por mais esquisito que possa soar: na libertação corporal do ser humano tem-se, como veremos, a sua formação do ponto de vista da ciência espiritual de orientação antroposófica voltada para as questões sociais. Três situações são particularmente relevantes: a morte, o sono e a realidade social. Pois através de uma visão espiritual dessas três situações fortemente ancoradas na natureza humana é que vamos descobrir nessa trimembração o homem como "ser que respira".

Assim a ciência espiritual não vê somente com o evento da morte a desintegração do corpo físico, mas também que o ser humano através de sua consciência individual e global adquirida durante sua permanência na terra fez criar em si uma semente que, após separação do corpo físico utilizado para isto, procure por um novo corpo nas correntes hereditárias terrestres e o adapte para si. O homem não é somente um ser que na morte perde seu "sopro espiritual", mas um ser que no evento do nascimento o inspira novamente. Aquilo que mais acima colocamos perante nossos olhos como uma unidade relativa do Eu do ser humano dentro da organização corporal, mostra-se como origem quando do evento do nascimento de organizações.

O sono era denominado pelos anciãos de o irmão menor da morte. Pois não é só na morte que o homem se liberta de sua organização corporal mas também no adormecer. E não é somente no nascimento que ele se liga a essa estrutura física, mas também ao acordar. Ele é portanto um ser que vive com dois "ritmos respiratórios", porém com dimensões completamente diferentes entre si. No mais longo dos dois ritmos podemos observar que o "pulmão" forma através da "inspiração" um novo corpo físico e na "expiração" o desintegra, de tal forma que nesta visão a estrutura pulmonar só vive um único ciclo respiratório; já com vista ao ritmo mais curto a estrutura pulmonar pode ser observada visualmente no corpo físico humano.

Ultimamente, porém, os esforços tem sido feitos no sentido de demonstrar que se trata de, não dois, mas três "irmãos" que constituem a vida humana. Aos dois "ritmos respiratórios" – morrer e nascer, dormir e acordar – acrescenta-se um terceiro. Ele se refere ao desenvolvimento de interesses interiores do ser humano e daí também a força da atenção destinada a essas atividades. Essas voltam-se alternadamente para nós e para os outros, caso não queiramos voluntariamente quebrar esse ritmo. O "pulmão" é porém não só um elemento da animação mas também o elemento de consciência que permeia o corpo humano; só que esta consciência inicialmente não está capturada pela força orientativa do interesse. Isto acontece somente a partir do aqui mencionado terceiro ritmo respiratório. Com isso o próprio Eu do ser humano se mostra como



um ser respiratório. Rudolf Steiner fala nesse aspecto como uma alternância entre uma "sociabilidade" voltada ao ser humano e uma "associabilidade" voltada a cuidar de si, como duas correntes profundamente ancoradas na natureza humana. O Eu humano é através de sua própria respiração tanto um ser social como associativo.

Nesse caminho o desenho da visão humana mostrado acima se apresenta de três formas unilaterais: nem com vistas ao falecido, nem ao dormindo e nem ao ser humano com percepção social pode-se falar de um Eu humano "integrado" na organização do corpo. Toda tentativa de compreender tudo junto, encruado na descrição feita permanece necessariamente preso a esta parcialidade. Ele permanecerá como que paralisado perante a verdadeira dimensão e profundidade da pergunta social. Pois essa tem sua presente forma configurada a partir de forças tiradas dos intervalos das três fases vividas: do intervalo entre a morte e o novo nascimento e a busca do destino a partir das vidas terrestres passadas; do intervalo entre dormir e acordar e o retrabalho instintivo dos acontecimentos do dia anterior; e finalmente do intervalo entre o se desprender de si mesmo na percepção de outras pessoas e o voltar a si e seus próprios assuntos. É a partir dessas forças é que devem ser encontradas as respostas às questões sociais futuras.

Por isso seria fatal se a idéia da trimemoração do organismo social tiver o destino de ser atrelada a visão comum e parcial que se tem atualmente do ser humano. Pois as diversas estruturas sociais, que Rudolf Steiner gostaria de ter despertado pela trimemoração social, em sua essência não estão voltadas para o hoje muito observado empenho em formar a sociedade humana através de grupos institucionalizados de interesse, e por outro lado nem tampouco um grupo moral com alternativas de alto quilate para fazer o bem. Ambos conduzem a uma encruzilhada de equívocos de difícil solução justamente nas questões cruciais da formação.

É natural que mesmo em questões sociais nada pode ser questionado quanto a um desenvolvimento moral de muitas pessoas. Ele é inclusive muito importante, assim como os intervalos entre morte e nascimento, dormir e acordar. Uma coisa totalmente diferente, no entanto, é colocá-lo ao mesmo nível da questão social

como é comum ouvir em muitos julgamentos quando se afirma que o ser humano atual não estaria maduro para a trimemoração. Um julgamento como esse ignora que os objetivos dessa estruturação nada mais é do que **um orientar coletivo das atenções para as necessidades do outro**. Esse orientar das atenções, no entanto, é uma característica do ser humano assim como o é dormir e morrer. Uma eventual imaturidade não impedem o sono ou a morte, mas se torna realmente um impecilho para a trimemoração social de uma organização.

Esse impecilho está muito mais na essência dessas organizações que forçam a pessoa a cuidar de si mesmo, como ocorre naturalmente a partir da visão humana descrita acima. Essas contam com o Eu do ser humano contanto que seja um ser adaptado a organização corporal – e a percepção de realidade dessa organização. Ela associa a partir daí, por exemplo, o trabalho que uma pessoa realiza para outros dentro de um contexto social com seu próprio salário e o obriga a pensar continuamente em si e nas suas próprias dores e bem estar. Quem assim se preocupar menos com a questão moral e mais com a questão das organizações sociais a serem criadas, pode facilmente incorrer no erro de imaginá-las segundo os padrões vigentes. Ele não repara que a atenção do ser humano não estará livre para se ocupar de outras pessoas e outros grupos de pessoas, mas pelo contrário continuará forçado a se ocupar de si mesmo. Nessas condições realmente não será possível falar de uma organização social digna de um ser humano preocupado com a questão social. Para isso ele necessita justamente daquelas forças da natureza humana que transcendam tanto a mera adaptação como as organizações corporais.

*Tradução: Christian Folz*

(1) Este é o segundo e último artigo dessa série que se iniciou no Boletim passado número 10.0

(2) O impulso social da antroposofia pela sua essência conduz a uma forma de trabalho cuja energia espiritual deve ser procurada através do método do descobrir e do inventar. Descoberto deve ser o caso específico de uma situação social à luz da trimemoração. É inventada deve ser a forma a ser dada de maneira a que a trimemoração represente realmente um avanço social. A primeira é uma questão da capacidade de julgamento e a segunda de fantasia social. Mas as forças vitais de ambas só irão se desenvolver em toda sua plenitude se elas partirem de um conhecimento pelo menos elementar de corpo-álma-espírito do ser humano.

## Um exercício com a pintura da capa

Se feito em grupo, este exercício contribui para exercitarmos as **HABILIDADES SOCIAIS** do pedagogo social. Para fazê-lo é preciso muito pouco: um grupo de pessoas com disposição. As instruções são simples:

- Formar um grupo de no mínimo 3 pessoas. (Acima de 7, é melhor formar dois grupos.) Escolher um lugar tranquilo onde o grupo possa ficar concentrado durante o tempo do exercício (uns 50 min.). Cada participante deve ter lápis e folhas de papel. A ilustração da capa deve ficar bem visível para todos.

- É bom que exista um coordenador, que também participa. Não é útil explicar no início todos os passos. O coordenador expõe o passo a ser realizado e em seguida o grupo realiza, na seguinte seqüência:

**PRIMEIRO PASSO: Observação objetiva dos elementos da pintura:** - Em silêncio, cada um observa o quadro com a tarefa de descrever os elementos objetivos que o quadro tem. Por exemplo: no quadro há os seguintes elementos: tais cores, tais formas, tais movimentos; tais relações entre as cores, tais espaços da cor "x" ou

do movimento "y" que é feito com a cor "z", etc.. Outro exemplo: há algo que parece um cavalo, mas, há de verdade um desenho de um cavalo? Como surge no quadro isso que parece um cavalo? Que outras formas existem? E assim por diante. Cada pessoa anota as suas próprias observações no seu papel.

- Depois de 5 a 10 minutos, quando todos tiverem terminado de anotar, o coordenador pede que cada um leia o que observou. Ouve-se em silêncio; percebendo atentamente o que está acontecendo ao ouvir o outro.

**SEGUNDO PASSO: Observação dos sentimentos e sensações que o quadro gera em mim:** - Em silêncio, agora cada um irá observar quais os sentimentos e sensações que encontra em si mesmo quando olha a pintura. Aqui o importante não é dizer: "gosto ou não gosto", mas sim descrever. Por exemplo: "Isso traz em mim um sentimento de ...", ou, "uma sensação de...", conforme o que é de fato vivenciado na alma.

- Todos anotam (5 a 10 min.). Cada um expõe suas anotações, observando o que acontece ao ouvir o outro.

**TERCEIRO PASSO: a essência** : - Tendo por bagagem as observações anteriores, agora a pergunta é: "Neste momento, qual é a essência desse quadro para mim?"

- Cada um anota em silêncio. Quando todos tiverem chegado à essência (5 a 10 min.), cada um conta para o grupo o que foi encontrado. Ouve-se em silêncio, observando o que acontece. **Um desdobramento do terceiro passo (ou, quarto passo):** "Se eu tivesse que dar um título para a pintura da capa, qual seria esse título?" O mesmo procedimento anterior.

**FECHAMENTO:** Todos comunicam uns aos outros o que foi acontecendo durante o exercício. Pode-se seguir as seguintes perguntas: "O que aconteceu? Como foi essa experiência para mim? O que eu descobri?"

*Para nós vai ser muito interessante se quiserem escrever contando como foi.*  
O quadro da capa é uma aquarela do pintor siciliano **BEPPE ASSENZA**.

O título da obra será informado apenas no próximo número do Boletim da Pedagogia Social.



## INICIATIVA INSPIRADA PELA PEDAGOGIA SOCIAL

## FERMENTO E SAL

O "Núcleo *Fermento e Sal* - Desenvolvimento e Capacitação" surgiu a certa altura da biografia de uma iniciativa social - em Itobi, interior de São Paulo - e com inspiração na Pedagogia Social. Aqui, apresentamos um quadro dessa iniciativa em duas partes. A primeira é uma breve história de vida do projeto, redigida a partir do relato de Tini, uma das pioneiras. A redação do Boletim perguntou à Tini como tudo começou e quais foram os momentos mais marcantes no desenvolvimento da iniciativa. A segunda parte é um retrato da organização do Núcleo nos dias de hoje; esse quadro nos foi oferecido por Maria Josefina, que se vinculou ao projeto numa fase mais recente.

### Parte I: BREVE HISTÓRIA DE VIDA DE UMA INICIATIVA SOCIAL

#### Antecedentes para uma gestação

No "início", isto é, em 1981, três casais chegaram para residir no *Sítio A Boa Terra*, em Itobi, dois deles vinham da Holambra (São Paulo) e o outro da Holanda. Chegavam com muitos planos para iniciarem ali um projeto social, cheios de idéias transformadoras em voga na época. Porém...

"Quando viemos para cá, queríamos criar uma comunidade auto-suficiente de famílias carentes produzindo a terra comunitariamente. Naquela época se falava muito sobre *A Carta de Roma*, uma declaração de cientistas alertando a respeito dos limites dos recursos naturais da Terra. Nós também levamos isso em consideração no nosso projeto ao chegarmos aqui. Fizemos bio-digestores para reciclar lixo e esgoto, tal como na China; queríamos usar *tecnologia intermediária*, isto é, que não necessita de combustível nem de alta tecnologia."

Tinham muitos planos nesse sentido. Buscaram a alternativa de fazer móveis de eucalipto para evitar o desmatamento e o fim das madeiras nobres. Queriam construir casas para as famílias carentes e erguer uma olaria no sítio; ficaram entusiasmados quando souberam que parte da terra era apropriada para a fabricação de tijolos. Um dos membros da equipe, Lucie, acabara de fazer um curso de 3 anos, na Holanda, sobre agricultura orgânica, e queria iniciar uma horta para vender hortaliças para fora.

"A comunidade ia viver dos produtos produzidos na terra, da venda de móveis de eucalipto e de artesanato - como tecelagem, etc. Queríamos acabar com as relações patrão-empregado e achar novas formas de repartir resultados. Enfim, queríamos resolver todos os problemas de uma só vez no nosso projeto!!!"

#### "O erro número um"

Durante cinco anos todo o projeto foi financiado pelos três casais e familiares. E: "Logo fomos caindo do cavalo. O erro número um foi elaborar um projeto sem consultar o público alvo." O projeto havia sido praticamente todo concebido a partir das idéias que já traziam ao chegarem. "Outra descoberta foi a de que para a maioria é mais fácil conviver com um problema conhecido do que com uma solução estranha. Descobrimos também que *tecnologia intermediária* continua sendo tecnologia e requer conhecimento e habilidades para manutenção, o que o trabalhador rural não tem. Na verdade, quase tudo foi diferente do que

imaginávamos... Logo nós que tínhamos viajado pelo interior do país vendo tantos projetos que tinham fracassado! Nós que havíamos entrado nessa para fazer algo que daria certo e serviria de exemplo! Parafraseando a frase de um pára-choques de caminhão: *Não foi totalmente inútil, sempre podemos servir de mau exemplo.*

Nessa altura, após colocarmos todos bastante energia para permanecermos unidos, também os caminhos dos casais se separaram. O casal Niko e Lucie continuou com a fábrica de móveis de eucalipto. Valdir e Gemma voltaram para a Holambra onde, junto com familiares, criaram uma empresa próspera."

#### Nascimentos

"Mudamos o projeto. A maioria da população de Itobi é formada por trabalhadores diaristas, os chamados *bóias-frias*. Trabalham nas safras de cana, café, laranja, cebola, etc. Nas entressafras ficam sem trabalho e sem comida, já que o baixo salário não permite poupar dinheiro. Boa parte do sítio foi dividida em blocos de um hectare para essas famílias produzirem alimentos. No auge, 65 famílias plantavam aqui. E foi formaram a Associação dos Trabalhadores. Embora plantassem individualmente, o vínculo comunitário era garantido pelo Fundo Comunitário, para onde ia 10% da produção. O destino desse dinheiro era decidido em assembléia.

Dessa Associação nasceu a Associação dos Sem Casa de Itobi, já que o segundo maior problema dessas famílias era a falta de moradia. Por não terem carteiras assinadas e em razão da sua baixíssima renda, não se encaixavam em nenhum programa de governo para casas populares. Mas, começamos; tendo apenas o sonho e a coragem. Certamente os Seminários de Pedagogia Social e as experiências anteriores nos prepararam para enfrentar esse desafio."

#### Crescimento: desafios e realizações

"Nessa fase do projeto houve grandes mudanças. Até então tínhamos tido contato apenas com a população carente de Itobi. Agora precisávamos de papéis da Prefeitura e da Câmara Municipal e de ajuda de toda parte - local, regional e até de organismos filantrópicos internacionais.

Todo o processo, da criação da Associação até as casas ficarem prontas, levou 5 anos! Manter a chama acesa, o povo unido, durante os 4 anos que antecederam o mutirão da construção, foi o grande desafio. Mas, Deus é grande! ... E as forças do Mal também! Foi muitas vezes desesperador ver tão claramente as forças do Mal atuando na pessoa do prefeito e seus companheiros corruptos. De todas as



maneiras, com extrema inteligência, tentaram impedir que esse sonho de 107 famílias se tornasse realidade. Foram anos de sofrimento devido a isso; e ao mesmo tempo anos de extrema beleza pela solidariedade encontrada.

Olhando para trás, minha maior descoberta é que são verdadeiras as palavras atribuídas a Goethe: se nós nos movemos, a providência se move também! Ganhamos a terra da Igreja, a instalação da rede elétrica pela empresa privada, a rede de água e esgoto foi construída de graça pela Sabesp e tivemos ajuda de organizações da Holanda e Itália para podermos adicionar 2 quartos à minúscula casa financiada (21 m<sup>2</sup>). E, vocês repararam que as casas com as quais tínhamos sonhado no projeto inicial surgiram de verdade?! Inclusive, em lugar da olaria, foi construída aqui no sítio uma fábrica de blocos de cimento. Todos os blocos para as 107 casas foram feitos no sítio. Essas experiências nos fizeram enxergar que a divina providência age e que, apesar dos fracassos, um dia aquilo com que se sonhou se realiza. E se realiza de uma forma infinitamente melhor do que a gente poderia ter imaginado ou projetado."

#### **Novos desafios: "erros de cálculo" social**

"Terminadas as casas, imaginamos que essas famílias agora já conheciam a fórmula de transformar sonhos em realidade: ter um objetivo comum, união, perseverança, fazer a sua parte... Erro de cálculo. As casas foram cercadas por muros para se evitar invasões de inúmeras crianças e cachorros. O Centro Comunitário - que ficou para ser terminado em mutirão - acabou levando muito tempo para ser concluído. Descobrimos que a casa própria era um objetivo comum, com um resultado bem pessoal; mas com relação a um centro comunitário, o benefício próprio é sentido como mais distante.

Investimos tempo em saber quais eram os outros sonhos das famílias e em levar pessoas para conhecerem soluções em outras cidades. Mas nada foi para frente. Na verdade, de imediato já detectamos que o mais urgente e importante era um trabalho voltado para as crianças no período em que não estavam na escola. Para isso seriam necessários recursos e principalmente alguém que assumisse isso como uma vocação de vida. Era muito claro para mim que eu não era essa pessoa; e não encontramos outra."

#### **Nova solução social: capacidades encontrando necessidades**

"Um dia, num feliz acaso, numa reunião regional da pastoral dos marginalizados, conheci M. Josefina, assistente social de Tambaú (cidade a 40 km de Itobi). Imediatamente houve identificação entre nós. Convidei-a para participar dos cursos de Formação de Lideranças Sociais no Centro Paulus; ela enviou uma substituta (a Bia). Cansada de ver as coisas meio paradas, liguei para a Josefina para consultas. Aí surgiu a idéia de formar um grupo de voluntários, que passariam por um período de capacitação antes de iniciarem uma ação social. Assim se formou o Voluntários GEAS (Grupo de Estudo e Ação Social). **A idéia era que pessoas de camadas médias eram provavelmente um elo indispensável para a promoção humana das camadas menos favorecidas.** O Voluntários GEAS se propôs a ser um grupo com o objetivo de resgatar a auto-estima dos itobienses, ou, a estima por seu município de 7000 habitantes.

Itobi é muito dividida politicamente. Imaginem que em 3

eleições seguidas houve 7 candidatos a prefeito cada. E teve prefeitos terrivelmente corruptos. O Voluntários é um grupo pequeno para atender às muitas necessidades da população - que é carente em muitos sentidos. Sentimos falta de lideranças sociais. Temos certeza de que ainda existem pérolas escondidas no meio da população, e que precisamos encontrá-las."

#### **Instrumento para o desenvolvimento**

"Para nós foi um achado o fato de trazermos para o interior o curso de *Formação de Lideranças Sociais*. Isso permitiu adaptar o curso às condições das pessoas daqui. Até então o curso sempre era dado no Centro Paulus (São Paulo), em módulos de 3 dias com hospedagem no local. A distância e o número de dias significava uma barreira grande para muitos. Foi um avanço trazer os pedagogos sociais para a região. O fato de 25 pessoas de 5 cidades continuarem se reunindo de 3 a 4 vezes por ano, para se aprofundarem nos conceitos da Pedagogia Social - que é algo fora da esfera político-partidária -, é muito significativo. Os que voltam a se reunir dizem que em nenhum lugar encontraram conteúdo tão rico que tanto os ajuda em seu auto-desenvolvimento. Na ação social, onde a própria pessoa é seu instrumento de trabalho, o auto-desenvolvimento é a base de tudo."

#### **Hoje**

"A certa altura do caminho, com tantas atividades práticas em andamento, notamos que estávamos sentindo, já há tempos, a necessidade de uma institucionalização. Aí foi criado o **Núcleo Fermento e Sal - Desenvolvimento e Capacitação**. Acho que atualmente estamos passando por um período de 'deserto'. Uma verba da Holanda, com a qual contávamos, não veio. Trabalhamos talvez demais. Como diz um ditado: *Trabalha tanto que nem tem tempo para ganhar dinheiro*. Mas um dia espero poder contar mais uma vez as surpresas inesperadas que a Providência providenciou!"

#### **Parte II:**

### **UM NÚCLEO DE DESENVOLVIMENTO E CAPACITAÇÃO SOCIAL**

**O Núcleo Fermento e Sal - Desenvolvimento e Capacitação (NFS)** - é uma entidade sem fins lucrativos, com sede no município de Itobi/SP, com âmbito de atuação regional. Tem como finalidade ARTICULAR e EXECUTAR ações que contribuam para:

- 1 - a revitalização de instituições sociais existentes na região;
- 2 - a mobilização e capacitação de novas pessoas para atuarem no desenvolvimento social de sua comunidade;
- 3 - a elaboração, acompanhamento e/ou execução de novos projetos sociais aplicáveis para os campos social (o que inclui o econômico e o ambiental);
- 4 - captação e acompanhamento da aplicação de recursos financeiros para o desenvolvimento de projetos.

O Núcleo nasceu após a participação de alguns de seus membros nos cursos de *Formação de Lideranças Sociais*, ministrados por Jos Schoenmaker e Jacques Ullée. Eles nos trouxeram conceitos quanto à natureza do ser humano e a origem da questão social, quanto a liderança e a dinâmica básica da vida social. Alguns membros também participaram de um curso de um outro pedagogo social, o norte-



americano Chris Schaefer, quando se tratou de conceitos como *missão* e *visão* (de ou para uma iniciativa social). A partir dessas experiências o grupo sentiu necessidade de desenvolver um novo impulso de atuação no social (incluindo aí o econômico e o ambiental). A semente do novo social brotou e está crescendo, sempre alimentada por esses conceitos e princípios - através de cursos, assessorias e a participação do NFS na "Rede Semeadores do Novo Social". Hoje o NFS possui **cinco frentes de trabalho**. São elas:

**1- ACESSORIA:** trabalho desenvolvido por técnicos ligados ao NFS junto a organizações públicas ou privadas que buscam orientação para o aperfeiçoamento de suas atividades, processos de mudança e reestruturação, melhoria de qualidade, etc. Ou seja, junto a entidades sociais que necessitam repensar sua *identidade/missão*.

**2- FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS SOCIAIS:** frente que se desenvolve através dos cursos mencionados (em ciclos que vão da introdução a aprofundamentos). Em 3 anos, de 95 a 97, foram capacitadas 90 pessoas de diferentes entidades e municípios da região; e, desde 96 um grupo de 25 pessoas, que participaram dos cursos, continua seu processo de auto-desenvolvimento também por meio de encontros para aprofundamento de suas habilidades e compreensão sociais. Ainda nesse sentido, o NFS promove palestras com convidados especiais (Lex e Johanna Bos, Marcos Gonçalves e outros).

**3- PROJETOS:** essa frente elabora projetos para o NFS ou outras entidades externas executarem de forma autônoma ou em parceria. Por exemplo: *Projeto Geração de Renda - Oficina de Tear* e um projeto de trabalho com adolescentes carentes, para a Prefeitura de Itobi; *Projeto Escola de Família*, para a Prefeitura de Sta. Cruz das Palmeiras.

**4- FUNCIONAMENTO INTERNO:** frente que cuida das providências burocráticas e práticas para o funcionamento do NFS: contatos, convênios, parcerias, planejamento, reuniões com a diretoria, relatórios, comunicação interna e externa.

**5- VOLUNTÁRIOS:** essa foi a primeira frente de trabalho do NFS, iniciada 2 anos antes da sua institucionalização. Em abril de 1997, por iniciativa de Tini Schoenmaker Stoltenborg e Maria Helena Franco Barbosa - que estavam vindo da liderança e acompanhamento de um trabalho de construção de 107 casas populares [ver a Parte I], que formaram o Bairro da União em Itobi -, nasceu o **Voluntário GEAS** -

**Grupo de Estudos e Ação Social** de Itobi. O que levou à formação desse grupo, movido por forte impulso social, foram as inúmeras carências e necessidades de Itobi (o município mais pobre da região) e a vontade de algumas pessoas em participar de atividades voltadas para o social. Durante dois anos, um grupo de 20 pessoas se reuniu semanalmente, participou de um *Curso de Capacitação de Voluntários* e elaborou 2 projetos de ação concreta: um de apoio à Creche e outro de formação de um clube de mães no Bairro da União.

Hoje o Voluntários GEAS é um grupo enraizado, com visão mais amadurecida das questões sociais e que recentemente identificou a necessidade de ampliar o quadro de voluntários. Em maio de 98 foi lançada a *Campanha para Novos Voluntários*, para que novas pessoas acolham a semente do "servir voluntariamente". Como resultado da campanha vieram novas pessoas que formaram diversos sub-grupos de ação voluntária.

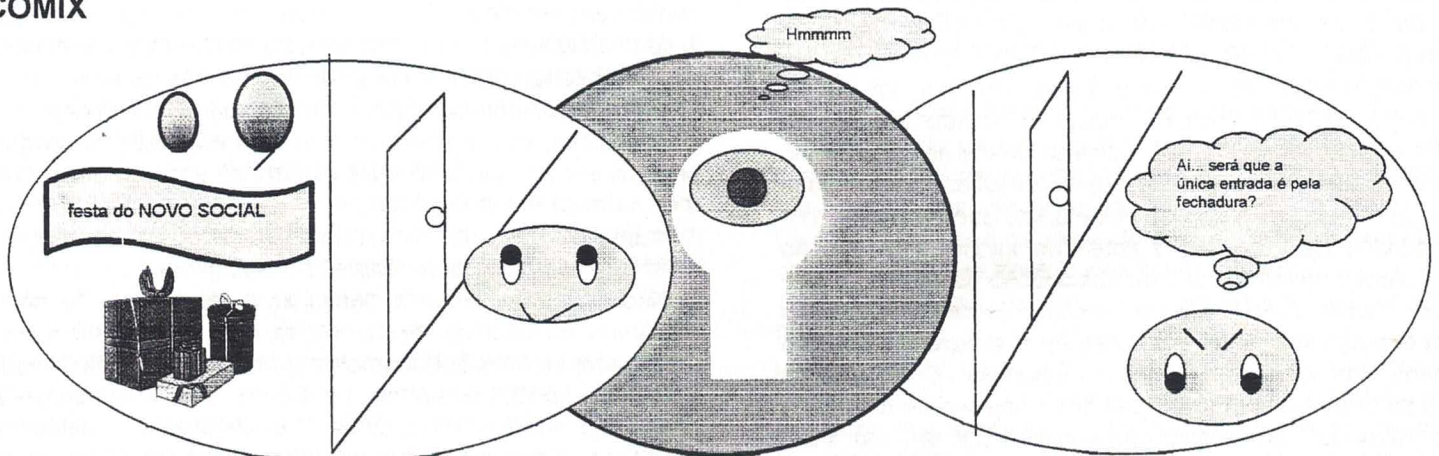
Atualmente os Voluntários GEAS se fazem presentes em Itobi nas seguintes ações:

1) *Clube de Mães e Adolescentes* (Bairro da União); 2) *Plantas Medicinais*: formação de horta de ervas medicinais, educação da população e futuramente manipulação das ervas; 3) *Biblioteca* e grupo para criação futura de uma Brinquedoteca; 4) *Alfabetização de adultos*; 5) *Amor a Itobi*: grupo que promove eventos, que criou em 98 o coral, que atua para o embelezamento da cidade; 6) *Participação em parceria em Projetos da Prefeitura*: aqui o Voluntários atua com colaboradores nas Oficinas de Tear e em curso de culinária para adolescentes.

A contribuição da Pedagogia Social para os trabalhos do NFS se dá desde a concepção do Núcleo até as dinâmicas, questionamentos, condução das reuniões e para a ampliação da visão. Em todos esses momentos e aspectos procuramos construir as relações entre: **MOTIVAÇÃO & NECESSIDADES, CAPACIDADES & MEIOS**. Procuramos a interação entre APRENDER e FAZER; realizamos atividades artísticas, exercícios de habilidades sociais e avaliamos o nosso trabalho. A Pedagogia Social é um instrumento que orienta o nosso desenvolvimento quanto à Visão (pensamento), Julgamento (sentimentos) e Fazer (vontade) sociais.

(Agradecemos as colaborações de Tini, na Parte I, e Josefina, Parte II. Revisão e redação final: Vital)

## COMIX





## PRÁTICA DE PEDAGOGIA SOCIAL

### ESTRUTURAÇÃO SOCIAL DE UMA ESCOLA WALDORF – um estudo de caso

Num artigo anterior, publicado no Boletim no 6, abordamos a questão do Desenvolvimento Social das Escolas Waldorf, como um tema que se reveste da maior importância não só para o desenvolvimento da Escola mas para a vida social como um todo. Pois não só a Pedagogia Waldorf se fundamenta numa compreensão aprofundada das leis e condições para o saudável desenvolvim ento da criança como também a estruturação social de uma Escola Waldorf se fundamenta (ou deveria se fundamentar) numa compreensão aprofundada das leis e condições para o saudável desenvolvimento do organismo social. O referido artigo buscou contribuir para a melhor compreensão destas leis e condições, considerando que é neste âmbito - o da estruturação social de seu funcionamento e gestão - que as escolas se defrontam geralmente com as maiores dificuldades. É isso é natural, levando-se em conta que *"tudo que entra no mundo como algo novo é imperfeito perante aquilo que subsiste como velho. O velho vive como o grau mais elevado e o novo ainda está engatinhando"* (R.Steiner).

Essas dificuldades derivam, de um lado, do pouco conhecimento e experiência que se tem neste campo, no qual se está ainda engatinhando, agravado pelo fato de não haver receita, do tipo: *"Uma escola Waldorf deve se estruturar desta ou daquela forma"*. Pelo contrário, cada Escola precisa desenvolver - a partir de sua própria história e realidade, orientada por estas leis e condições norteadoras- a sua própria receita, a sua própria forma de organizar seu funcionamento e sua gestão.

Por isso queremos neste artigo trazer, como ilustração, a imagem de estrutura e funcionamento a que uma Escola chegou num Seminário de Reestruturação para o qual solicitaram a consultoria do Núcleo Maturi-Ecologia Social. Não se trata em absoluto de trazer um "modelo" a ser seguido, mas sim uma ilustração de como se pode estruturar a gestão de uma Escola na prática a partir de certos princípios norteadores básicos.

Mencionamos, no referido artigo, que a vida social só floresce na medida em que relações sociais são estruturadas de forma a possibilitar que necessidades de uns sejam satisfeitas pela mobilização de capacidades de outros. Assim, uma Escola só floresce na medida em as capacidades dos professores forem mobilizadas de forma a satisfazer de forma adequada às necessidades de formação e desenvolvimento dos alunos (e dos seus pais, que buscam na Escola e nos professores apolo profissional para o cumprimento do seu papel de educadores de seus filhos). Por outro lado, os professores e a Escola só poderão oferecer os seus serviços na medida em que tiverem suas necessidades de sobrevivência e condições de funcionamento adequadamente satisfeitas. É nisto os professores e a Escola dependem da mobilização das capacidades dos pais, contribuindo para tal por meio do pagamento de mensalidades, na busca de recursos por meio de outras fontes (convênios com o Poder Público, Bazares, p.ex.) ou por meio da prestação de serviços profissionais voluntários à Escola (participação em Comissões, p.ex.).

Naturalmente, o que se entende por "satisfazer de forma adequada as necessidades", pressupõe um acordo entre professores e pais sobre a educação e formação que almejam para o seu filho. Pressupõe, no caso, uma consciência partilhada a respeito do que a Pedagogia Waldorf almeja oferecer e conseqüentemente, clareza

sobre o que se pode e **não** se pode esperar da Escola (p.ex. ensinar a ler e escrever no maternal; introduzir a computação na 1ª série do 1º grau, etc.), consciência esta que precisa ser constantemente cultivada e que se expressa em livre reconhecimento: *"é esta educação que queremos para os nossos filhos"*. Pressupõe, por outro lado, um acordo entre pais e professores sobre as condições que precisam ser asseguradas para que esta educação possa ser de fato oferecida e a contribuição esperada dos pais, resultando em livre comprometimento: *"para viabilizar este trabalho, eu me comprometo a contribuir com..."*

Pressupõe, finalmente, clareza a respeito de como e em que instâncias estes acordos são estabelecidos, como se resguarda seu cumprimento e que instâncias respondem por isso, como poderão ser eventualmente modificados e como proceder em casos de desacordos, desentendimentos, etc.. Tratam-se assim de acordos entre as partes sobre: 1) o que queremos/ almejamos juntos?; 2) que responsabilidades assumimos, no que nos dispomos a contribuir?; 3) como funcionamos, nos organizamos, atualizamos nossos acordos, tomamos decisões?

Na Escola em questão constatou-se no âmbito do ponto 1 que *"a meta e a identidade da Escola nos aparece ainda com pouca nitidez; sua identidade espiritual encontra-se um tanto esquecida. Os que estão há mais tempo se nutrem de uma memória pálida e os que estão chegando tem um intuição do que ela é, mas não conseguem ver com clareza"*. Concluiu-se neste campo pela necessidade de se se revivificar a identidade da Escola, olhar para seu histórico e documentos básicos e trabalhar na sua atualização através da elaboração de um "Manual para Pais da Escola".

No que se refere ao ponto 2, foi observado com relação à participação dos pais que *"se faz necessário encontrar novas formas de acolhê-los, trabalhar seu envolvimento com a Escola e assim mobilizar suas capacidades frente às necessidades da Escola, com maior autonomia e delegação de responsabilidades"*.

Quanto ao ponto 3, no que se refere à organização e o funcionamento da Escola, a estrutura apresentada foi a seguinte:

1) Área Pedagógica: 1) Colegiado de Professores - reunindo todos os professores da escola, sendo responsável pelo planejamento e execução do trabalho pedagógico; 2) Coordenação Pedagógica - grupo de professores com mais de 2 anos na Escola, que assumem a direção pedagógica, zelando pela proposta da escola, pela qualidade de ensino e definindo metas e prioridades pedagógicas.

2) Área Administrativa: 1) Associação Pedagógica - atuando através de Grupos de Trabalho composto por pais (Administração & Finanças; Planejamento & Obras; Integração Social; Divulgação e Comunicação; Jurídico). Abrange também Grupo de Mães e Conselho de Pais (naquele momento, inativo). A Diretoria da Associação se compõe de representantes de cada um dos Grupos de Trabalho e 2 Professores. A Assembléia Geral - formada por todos os pais e professores da Escola, elege a Diretoria da Escola, avalia e ratifica os encaminhamentos dados pelos grupos de trabalho; define as grandes metas e prioridades da Escola.

No decorrer do Seminário ficou clara a necessidade de:

1)-Rever os critérios para se tornar membro da Associação e da sua Diretoria

a) sendo a Assembléia Geral da Associação soberana para deliberar sobre a eleição da Diretoria, definir as grandes metas e prioridades da Escola, etc. , é fundamental que seja constituída de pessoas identificadas e comprometidas com os princípios básicos da Escola, atuantes nos Grupos de Trabalho e/ou Conselho de Pais da Escola e não simplesmente "composta por todos os pais e professores da Escola".



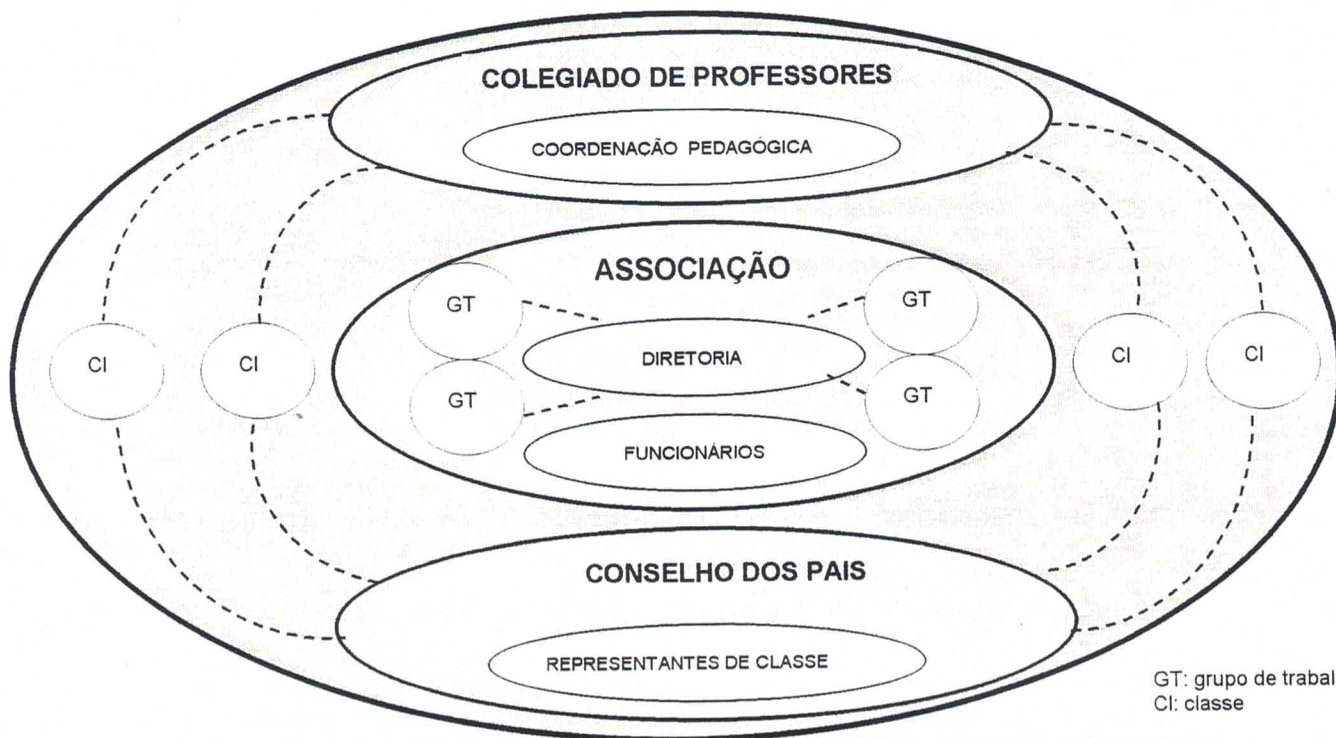
b) A diretoria ser composta por pais e professores que possam ser considerados "portadores" Escola, comprovado -por exemplo- por sua atuação nos Grupos de Trabalho e Conselho de Pais.

2) Fortalecer a atuação da Diretoria como órgão central - "coração"- da Escola, no papel de a) perceber as necessidades; b) ativar/ criar as instâncias às quais se delega responsabilidades frente a estas necessidades, com competências e limites de autonomia claramente definidas c) deliberar sobre questões que extrapolam as competências específicas dos Grupos de Trabalho, com base nas contribuições/ propostas recebidas dos mesmos. Como princípio, a Diretoria não deve centralizar poder, mas criar condições para delegar responsabilidades a instâncias competentes, existentes ou a serem criadas a partir das necessidades, fundamentando suas próprias decisões nas contribuições e propostas por estas formuladas.

3) Reativar o Conselho de Pais como órgão articulador dos pais, tanto na percepção de suas necessidades quanto para a mobilização de suas capacidades, tendo seu cerne nos "representantes de classe", da mesma forma como os professores tem seu órgão de articulação no Colegiado de Professores, tendo seu cerne na Coordenação Pedagógica.

4) Reavivar o convívio nas classes como cerne ou coluna vertebral da Comunidade Escolar. Toda a Escola existe em função do trabalho de formação que tem lugar nas Classes, no encontro entre Professores e Alunos. É a nível de cada classe que se estrutura a cooperação básica entre professores e pais frente à responsabilidade conjunta que assumem pela educação e formação das crianças, no âmbito da Escola.

A partir destas considerações formou-se a seguinte imagem do organismo escolar:



GT: grupo de trabalho  
CI: classe

Existe sempre um risco de se "cristalizar" uma imagem de estrutura, porque a tendência de toda forma é de matar a vida. Imagens como essa também dão margem à "cristalização" de opiniões e interpretações sobre "é assim que deve ser". Por outro lado, sem forma a vida não tem como se encarnar na realidade, ou ameaça transformar-se em caos. A arte social consiste em se trabalhar a estruturação social a partir do próprio fluxo da vida, assim como o rio forma seu leito com seu próprio fluxo. Só que no caso do rio as leis da própria natureza asseguram que esse fluxo leve o rio até sua meta - o mar. No âmbito social, trata-se de encontrarmos juntos o que contribue para o bem do todo, naquele momento e naquela situação. E isto só poderemos fazer se nós mesmos estivermos imbuídos da consciência imprescindível - mencionada no início deste artigo - das leis que regem o saudável desenvolvimento do organismo social. E nesse caminho somos todos aprendizes: caminho só se faz ao caminhar!

Jos Schoenmaker  
Núcleo Maturi-Ecologia Social

**A única direção sensata é formar grupos e esperar que deles surjam soluções parciais. Grupos nos quais as pessoas se sentam juntas em julgamento e produzam algo que as aproxime de soluções parciais para a questão social, algo que possa ser adotado por um determinado tempo e num determinado lugar.**

Rudolf Steiner



**CAPACITAÇÃO E PROJETOS****REDE****SEMEADORES DO NOVO SOCIAL****PEQUENO HISTÓRICO**

Em 1991 surgiu uma proposta de formação de Lideranças Sociais, inspirada nos conceitos do novo social de Rudolf Steiner, dirigida a pessoas que estão com as "mãos na massa" no campo social. Foram realizados vários encontros temáticos com a participação de Jos Schoenmaker e Herwing Haetinger, do Instituto Christophorus. Em 1993 essa iniciativa foi levada em frente por Jacques Uljée e Jos, e consolidada com o Curso Básico de Formação para Lideranças Sociais (4 módulos anuais de 3 dias cada e um ano com 3 módulos de aprofundamento). Aconteceram 3 cursos em São Paulo, no Centro Paulus, com participantes da capital, do interior e de outros estados.

Houve um grande avanço quando esse Curso foi levado para o interior de São Paulo (Casa Branca, São José do Rio Preto e Botucatu). Calcula-se que 300 pessoas participaram, resultando, segundo depoimentos, em mudanças de postura, auto-desenvolvimento, e uma gradual habilitação para se aplicar esses conceitos nas suas entidades e na vida prática.

**Dos cursos no interior surgiram frutos:**

\* a fundação do Núcleo *Fermento e Sal - Desenvolvimento e Capacitação*, com sede em **Itobi** (região de Casa Branca), que articula e organiza Cursos de Formação de Lideranças Sociais com participantes de 5 cidades da região. Dentre os participantes, 15 pessoas se encontram bimestralmente para um aprofundamento dos conceitos e troca de experiências (ver p.6);  
\* dois cursos básicos de Formação de Lideranças Sociais em **São José do Rio Preto**, organizados pela entidade **Centro Social Parque Estoril**, sob a coordenação de um dos integrantes da Rede; \* iniciativas em **Botucatu e Salvador**, a partir da formação de pequenos núcleos de trabalho de integrantes da Rede.

Também de grande importância foi a criação da Rede de **Multiplicadores do Programa de Formação**. Nos encontros de formação da Rede, em 1996 e 1997, os participantes puderam crescer muito, apresentando conteúdos e dinâmicas com base nos conceitos assimilados nos cursos: fortalecendo-se enquanto multiplicadores. Uma parcela desses Multiplicadores se reuniu em abril de 98 para um novo encontro de capacitação para coordenadores. Em setembro de 98, não mais sob a coordenação e impulso total de Jos e Jacques, integrantes da Rede (Mariana e Nelito) assumiram a coordenação dos encontros. No último encontro de 98, o nome Rede de Multiplicadores foi modificado para Rede **"Semeadores do Novo Social"**, após uma profunda reflexão a respeito da nossa missão e planejamento de objetivos de ação. Em fevereiro de 99 estivemos reunidos com alguns convidados em um encontro de aprofundamento com Ernst Amons, do Emerson College (Inglaterra): a **Oficina de Auto-educação e Desenvolvimento Social**. Foi um momento de ampliação do impulso da rede, de reflexão e troca de experiências.

Para 1999 estão programados um encontro interno em

setembro, um novo curso básico de Lideranças Sociais, ainda sem data, e uma Oficina de Habilidades Sociais - Diálogo -, aberta aos integrantes da Rede e outros interessados (22 a 24 de junho/99, no Centro Paulus) e, para fevereiro de 2000, um novo encontro com Ernst Amons.

**O QUE É A REDE**

\* Um grupo de pessoas que atuam no social e que se encontram regularmente. Que se inspiram nos **conceitos do NOVO SOCIAL**, fundamentado na Antroposofia - uma compreensão aprofundada do ser humano em sua relação com o social.

\* Reconhecem o autoconhecimento e o autodesenvolvimento como condição para o desenvolvimento social.

\* Trocam experiências, se apóiam e se inspiram mutuamente em seu caminho.

\* Buscam permear sua prática a partir do que aprendem e se propõem a serem semeadores deste impulso em seu meio. \* Têm por base a liberdade das individualidades; relacionando-se de forma igual e agindo de forma fraterna com o outro.

\* Buscam atuar na prática motivados pela necessidade do outro, sendo facilitadores do livre desenvolvimento do outro.

\* Espiritualidade ligada à prática social.

**Alguns dos nossos objetivos:** - Continuidade dos Encontros da Rede: para troca de experiências, novos aprofundamentos; para estudar e nos fortalecermos (dois encontros por ano). - Atividades Intermediárias: comunicação entre os membros e leitura. - Estruturação e organização da Rede e Finanças: material de divulgação, relatório, criação de um fundo para manter despesas correntes, elaboração de um projeto geral para captação de recursos, continuidade do Programa de Formação de Lideranças Sociais (capital e interior).

Se você se identificou com a nossa proposta e deseja receber mais informações, entre em contato com Annegret (011 5660 6094), Mariana (011 820 2016), Maria Angélica (031 291 5272), Nelito (071 353 5496) ou Tini (019 647 1444).

Colaboração: Mariana de Paiva Oliveira

**ATUALIZE SEU CADASTRO** para continuar recebendo o Boletim:

Nome: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Fone: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_

R. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_ apto \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ - Cidade: \_\_\_\_\_ UF \_\_\_\_\_

Já participou do Seminário de Pedagogia Social?

Se Sim: \_\_\_ Introdução; \_\_\_ Aprofundamento: \_\_\_\_\_

**INDIQUE PESSOAS:** amigos ou conhecidos que você sabe que também gostariam de receber o Boletim. Enviaremos a próxima edição: Nome: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Fone: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_

End.: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_ apto \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ UF \_\_\_\_\_

Use o e-mail, fax ou correio para atualizar seus dados e fazer as indicações dos seus amigos. <->



**ACONTECEU**

**Aconteceu: SEMINÁRIO DE PEDAGOGIA SOCIAL, INTRODUÇÃO - 1998**

Dois depoimentos de participantes:

**I - "Mergulhos e Descobertas: O que esse Seminário tem?"**

Início de julho de 1998. Tomar a decisão de participar ou não do "Seminário de Introdução à Pedagogia Social". Deixar por mais de uma semana todos os afazeres. Uma decisão difícil... Depois de muito refletir, considerando alguns poucos conhecimentos prévios adquiridos em outras oportunidades e boas referências de amigos, resolvi encarar o desafio, até então desconhecido.

Éramos um grande grupo, 23 pessoas de vários lugares do Brasil - São Paulo (capital e interior), Bahia, Florianópolis, Belo Horizonte - e os atenciosos coordenadores, mais 08. Vivemos momentos entusiasmantes durante 8 dias que certamente ficarão marcados na minha vida. Experiências intensas, permeadas por descobertas, clarificações internas e externas. Um mergulho profundo na postura, atitude, maneira ser. Um aprendizado fundamental para fortalecer e elucidar o trabalho que desenvolvo com grupos.

Esse movimento para dentro e para fora, recheado de contribuições conceituais, dinâmicas, vivências e o desenvolvimento das habilidades sociais com esse maravilhoso grupo de participantes e coordenadores, mostrou-me alguns caminhos. Caminhos que estou trilhando, observando sempre o que nos propusemos a fazer no decorrer do seminário e no seu fechamento. Propostas de aprendizagem que estão me desafiando a refletir e agir permanentemente, alicerçado nas tomadas de consciência e decisão.

Poder ter subsídios para perceber as próprias potencialidades e fragilidades, a serem exploradas no cotidiano, torna-se fundamental para uma intervenção mais consciente.

De coração, é uma experiência riquíssima para quem pretende compreender melhor sua maneira de ser, consigo mesmo e com o grupo, permitindo com isso dar um salto qualitativo para atuar no campo do desenvolvimento social.

A vocês que estão prestes a participar do "Seminário de Introdução à Pedagogia Social-1998", boa sorte!!! Preparem-se para mergulhar, descobrir, encantar, desencantar, refletir, voar..., acreditando e provando o seu próprio caminho. Para finalizar, quero dar um presente escrito por Ortega Y Gasset:

*O que de fato manifestamos apóia-se em inúmeras coisas que silenciamos. (...) e o que de fato enunciamos vive daquilo que, por ser sabido, se cala. Esse complemento que calamos, e que sempre é enormemente maior do que o que dizemos em cada frase, nós o sabemos por diferentes vias.*

*(... que,) por sua vez, supõem e fazem referência a uma situação em vista da qual surgiu todo esse dizer. Essa situação é, em última instância, indizível: só cabe presenciá-la ou imaginá-la."*

Rodrigo G. Prates Junqueira (participante do SPS-I 1998)

**II - "É difícil apresentar em poucas linhas tudo o que vivi naqueles dias do SPS I. (...)**

Esse seminário despertou em mim a consciência da importância de estarmos atentos ao outro, ao que ele diz, pensa, sente, quer. Ao que o outro traz consigo quando se comunica.

Aprendi que buscar compreender o outro me ajuda a me compreender. Ao mesmo tempo, olhar para dentro de mim me ajuda a compreender o outro.

Como compreender esse outro, que traz o Diferente daquilo que trago comigo? O Diferente que me acrescenta, mas também incomoda, cutuca, provoca, gera tensão e acaba por gerar movimento, desenvolvimento.

(...) o seminário discute a formação para uma participação CONSCIENTE do indivíduo na vida social. A consciência do potencial de influência e de transformação de cada um, no meio em que se insere, desperta para uma ação cada vez mais responsável."

Marina Magalhães Oliveira (participante do SPS -I 1998)

**BOLETIM E VOCÊ - PESQUISA**

A RESPEITO DE QUE VOCÊ GOSTARIA DE SABER MAIS?

- Depoimentos de participantes de Seminários  
 Informações e entrevistas sobre iniciativas e práticas no âmbito da Pedagogia Social  
 Textos conceituais de Pedagogia Social  
 Exercícios de desenvolvimento de habilidades sociais  
 Outros

Mande sua resposta, até 30/jun/99, via e-mail: [valtere@greco.com.br](mailto:valtere@greco.com.br) ou pelo Fax (011) 246-6095. Ou para Valter Gobbo, Rua Manuel Alonso Medina, 342, 04650-031, São Paulo/SP. ⇔

**Pedagogia Social para quê?**

Para reconhecer e entender o que significam os fenômenos sociais que observamos em grupos, as inter-relações que se estabelecem entre as pessoas e o que fazer para torná-las mais saudáveis:

para captar em tempo desvios e obstáculos em nossos diálogos, encontros e iniciativas e o que fazer para que se mantenham dentro dos objetivos e em movimento:

para descobrir as qualidades e as consequências de nosso próprio comportamento social e os caminhos que podem ser trilhados para melhorá-lo;

para lidar melhor com o que exige uma situação social na fase em que se encontra ou que irá enfrentar, saber diagnosticar e desenvolver meios e instrumentos com que auxiliá-la a dar o próximo passo;

sermos capazes de lidar com o que exige a evolução de nossos tempos para uma nova sociedade."

Herwig Haetinger (Publicado no Boletim Zero, Primavera/95)